

## **É possível discutir uma ética para a civilização tecnológica?**

**Is it possible to discuss an ethics for the technological civilization?**

**Michelle Bobsin Duarte**  
**Mestranda em Filosofia - Puc Rio**  
**Bolsista CNPq**

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo apontar para algumas das questões que, contemporaneamente, tornam relevante a ética para a civilização tecnológica de Hans Jonas, assim como explicitar os seus principais pontos. Também iremos abordar brevemente a perspectiva jonasiana sobre a filosofia moral de Immanuel Kant. Introduziremos, de maneira resumida, alguns aspectos da metafísica proposta por Jonas a fim de tornar mais claro o entendimento de sua ética.

**Palavras chaves:** Hans Jonas; Ética contemporânea; Kant

**Abstract:** This paper aims to point to some of the questions that contemporaneously make relevant the ethics of technological civilization, by Hans Jonas, as well to explain its main points. We will also briefly address the jonasian perspective on the moral philosophy of Immanuel Kant. We will do a brief introduction to the metaphysics proposed by the author that is necessary for a better understanding of his ethics.

**Keywords:** Hans Jonas; Contemporary ethics; Kant

### **Breve perspectiva da vida de Hans Jonas**

Hans Jonas foi um filósofo alemão de origem judia nascido em 1903 na cidade de Mönchengladbach. Jonas foi aluno de Edmund Husserl, Martin Heidegger e Rudolf Bultmann. Sob a orientação de Bultmann, redigiu sua tese de doutorado sobre o gnosticismo na

Universidade de Marburg, onde foi colega de Hannah Arendt. O filósofo foi amplamente influenciado pelas correntes de pensamento da fenomenologia e do existencialismo, dado os mestres que participaram de sua formação. Em 1933, com a ascensão do nazismo ao poder, Jonas deixa a Alemanha e vai para a Inglaterra. Da Inglaterra viaja para a Palestina, já como um sionista ativo. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, Jonas retorna à Inglaterra, de onde parte para a Itália com a brigada judaica do exército inglês para lutar nas forças de resistência ao nazismo. Após o término da guerra, ele retorna à Palestina para lutar na guerra árabe israelense em 1948. Em 1950, desencantado com o sionismo, migrou para a América do norte. Primeiramente viveu no Canadá, onde lecionou na Universidade de Ottawa, e depois mudou para os Estados Unidos para lecionar na New School for Social Research em Nova Iorque, onde viveu até a sua morte em 1993.

### **Considerações sobre a relevância de O Princípio Responsabilidade na contemporaneidade e a crítica jonasiana a Kant**

Logo no primeiro parágrafo do prefácio de seu livro, O Princípio Responsabilidade, Jonas apresenta a sua preocupação com o futuro da humanidade e com os rumos que o uso impensado da tecnologia pode nos levar. Após algumas experiências vivenciadas pela humanidade com a aplicação da técnica para fins nada nobres, como por exemplo, o uso da bomba atômica na Segunda Guerra, restam perguntas e uma espécie de lacuna ética.

Afinal, quais são os limites do uso da tecnologia? Quais são as linhas de força que estão presentes no direcionamento de suas pesquisas? É possível discutir uma ética que vise os interesses das gerações futuras? Teriam os futuros homens direitos antes mesmo de ter existência?

Certamente este assunto é de difícil discussão. Talvez haja quem pense que seja mesmo impossível discutir os direitos dos que virão. Porém, torna-se cada vez mais urgente, pra não dizer inevitável pensar nas condições de existência de uma futura humanidade. Torna-se mais que evidente o fato de termos que pensar a questão do uso inescrupuloso da tecnologia e as suas possíveis consequências.

Hans Jonas propõe a construção de uma ética que seja adequada ao paradigma técnico científico moderno-contemporâneo. O autor aponta para a urgência desta questão e para a necessidade de trazê-la para a esfera pública de discussão, o que implica medidas práticas em relação à ameaça latente de desfiguração do mundo e, conseqüentemente, do homem em um futuro não tão distante. Ou melhor, uma possível paisagem catastrófica vem se afirmando como provável realidade.

Temos conhecimento que a aplicação desmedida da tecnociência, juntamente com os excessos de nosso modo de existência, como sociedade industrializada, podem nos aproximar da possibilidade de destruição das condições necessárias para a perpetuação de uma humanidade que, de acordo com Hans Jonas, seja digna deste nome. Para o autor, uma sociedade dignamente humana terá que viver nas condições que nos foi proporcionada pela natureza, que não venha a se utilizar demasiadamente de subterfúgios a fim de sobreviver.

Essas palavras podem soar um pouco estranhas ou até mesmo exageradas. Porém, deve-se levar em consideração que a ameaça da qual fala Jonas parece estar tomando corpo com a aparição de certos experimentos genéticos, em humanos e não humanos, como também a ameaça latente de um colapso dos recursos naturais pelo uso inconseqüente, além de outros indicativos que não irei mencionar, mas que certamente todos temos uma ideia mais ou menos clara de acordo com nossas experiências.

Hans Jonas propõe que as ações humanas sejam regidas por uma ética que propicie aos homens do futuro encontrar plenas condições de vida na Terra. Segundo o autor, a ética do futuro não pode estar baseada somente na emoção, embora ele admita que o sentimento de temor possa servir como método para conhecer o que queremos preservar. A ética do futuro necessariamente tem que partir de um princípio inteligível, o qual é concebido como um imperativo: “que exista uma humanidade”. (Jonas, O Princípio Responsabilidade, 2006)

A partir deste primeiro imperativo, Hans Jonas deduz o dever de assegurar um modo de vida verdadeiramente humano aos nossos descendentes, que, conforme o mencionado, possa se realizar no meio proporcionado pela natureza. Obviamente, não se trata da ideia romântica de natureza em harmonia com o homem, sendo que o

ser humano modificou o meio a fim de sobreviver às intempéries naturais ao longo dos tempos. E sim da ideia de fragilidade do meio em que vivemos, e da nossa própria fragilidade no tocante à adaptação às mudanças ambientais bruscas que podem ter como causa os excessos produzidos por nossa sociedade tecnocrata. Jonas aponta para algo grave em nosso momento histórico, pois segundo ele, as mudanças estão acontecendo tão rapidamente que torna quase impossível nos adaptarmos às condições ambientais que estão porvir.

“Para nós, contemporâneos, em decorrência do direito daqueles que virão e cuja existência podemos desde já antecipar, existe um dever como agentes causais, graças ao qual nós assumimos para com eles a responsabilidade por nossos atos cujas dimensões impliquem repercussões de longo prazo” (Jonas, O Princípio Responsabilidade, 2006, pg. 91-92).

Jonas não só atribui um direito aos que virão como lhes atribui o dever de conservar um modo de vida compatível com uma humanidade verdadeira. Podemos perceber claramente o contexto que levou Hans Jonas a elaborar uma ética que leva em consideração a existência e os modos de vida das gerações futuras, era o início da preocupação com a desfiguração humana pela tecnologia e com as ameaças de destruição ambiental através das ações do homem. A questão ecológica começou a reverberar a nível mundial no final dos anos 60, culminando na Conferência de Estocolmo em 1972, primeiro encontro entre países para discussão da relação do homem com a natureza. Podemos dizer que desde então a situação só se agravou e agora somos nós os atores deste contexto.

A ética para civilização tecnológica possui um princípio da precaução e previsão dos perigos, que o autor chama de heurística do temor. Uma maneira de compreender a heurística proposta pelo autor é considerá-la como uma espécie de método para questões complexas, onde podemos nos aproximar de possíveis soluções para determinados problemas. No caso de a heurística estar associada ao temor, pode-se entender como a busca da compreensão e tomada de decisão baseadas no sentimento de temor ao arriscar algo que seja identificado como vital. Neste caso, que evite a aniquilação existencial da humanidade, seja ela física ou mental, a fim de evitar a catástrofe. Entendemos aqui a aniquilação existencial como a desfiguração do que nos torna

humanos, ela se daria não somente pela morte física, como também pela extinção de nossas possibilidades mentais. O temor não é tido como um sentimento que paralisaria a ação, pelo contrário, o temor nos levaria a agir concretamente dentro de um contexto que inspira precaução. Conforme Jonas: “com a antevisão da desfiguração do homem, chegamos ao conceito de homem a ser preservado. Só sabemos o que está em jogo quando sabemos que está em jogo”. (Jonas, 2006, pg.21) Não será tratada aqui a questão se existe ou não uma essência humana por se tratar de um assunto complexo. A abordagem presente pretende discursar sobre a relevância da obra de Jonas e a interface entre o seu pensamento e o de Kant.

A crítica que Hans Jonas faz ao pensamento ético anterior, especialmente a Kant, é no tocante a circunstância imediata da ação. Segundo o autor, os agentes possuíam contato direto com as pessoas as quais seriam os receptores de determinada atitude ou comportamento. As ações praticadas por determinados indivíduos afetavam somente os demais do mesmo domínio. Portanto, não havia preocupação com as gerações futuras e tampouco com a natureza não humana. Isto não era necessário devido ao alcance da ação.

Podemos compreender a necessidade de princípios que regulem a ética de acordo com o alcance que os indivíduos ou as sociedades possuem em interferir na vida de outrem. Nas sociedades anteriores à sociedade tecnológica, o homem comum era capaz de acessar o saber necessário para o bom agir. Já na contemporaneidade, o agir humano se tornou tão complexo e dotado de poder que se faz necessário repensar a ética. As situações e impasses gerados na atualidade não seriam imagináveis pelos pensadores dos sistemas éticos do passado.

Por exemplo, Kant buscou o princípio supremo da moralidade no agir em sua Metafísica dos costumes. Na primeira seção deste livro ele identifica a Boa vontade como sendo o grande regulador do uso das atribuições do espírito. A Boa vontade não seria boa pelo seu efeito e sim em si mesma, pelo querer. Concluímos que, segundo esse princípio de Kant, a ação não é julgada pelo efeito que causa e sim em si mesma. Ou seja, não há como julgar alguém responsável por determinada ação que cause algum mal se não houver a intenção de causar o mal. Esta ética pode ter validade entre os indivíduos que vivem em contato direto uns com os outros, porém, se

aplicada à totalidade dos seres humanos que habitam o planeta ela se torna obsoleta.

Imaginemos um agricultor que planta sementes transgênicas em sua lavoura e utiliza determinado agrotóxico, o qual a planta possui imunidade, mas que é extremamente prejudicial ao meio e a ele próprio. E, além do mais, ele está contaminando o lençol freático que fornece água para si e para os demais agricultores de sua região. Este agricultor seria passível de julgamento ético? Sua ignorância em relação aos efeitos de sua ação seria perdoada porque ele possuía a boa intenção de produzir alimentos?

Ao que tudo indica no pensamento ético kantiano, o efeito da ação do agricultor seria, sem dúvida alguma, relevado na medida em que este possuía boa vontade.

Este parece ser um dos pontos que Hans Jonas critica na ética kantiana. Pois, Jonas aponta para a importância dos efeitos das ações e ainda ressalta que devido à complexidade das relações devemos nos cercar muito mais de conhecimento para podermos agir de maneira adequada ao atual momento histórico. No entanto, para Jonas, a ética para civilização tecnológica concerne mais objetivamente às ações políticas dos grupos humanos, o que poderíamos chamar de macro política, que propriamente ao ato individual, embora a ação a nível micropolítica esteja intimamente ligada às políticas maiores na medida em que são, de certa maneira, viabilizadas por essas. Tomemos novamente o exemplo do agricultor. Se ele fosse orientado por uma instituição que regulasse o manejo responsável das técnicas agrícolas talvez não houvesse nenhum problema. E tal instituição, na visão do filósofo, teria o dever de possuir o máximo possível de conhecimento científico necessário para orientação da prática da agricultura.

Jonas ressalta que a ciência da ecologia pode nos ajudar a entender melhor a atual situação em que nos encontramos: “por meio de seus efeitos, ela (a ecologia) nos revela que a natureza da ação humana foi modificada *de facto*, e que um objeto de ordem inteiramente nova, nada menos que a biosfera inteira do planeta, acresceu-se àquilo pelo qual temos de ser responsáveis, pois sobre ela detemos poder.” (Jonas, 2006, pg.32).

Seria imaginável para Kant um mundo que parece estar ligado por uma rede de ações e reações, onde não somos responsáveis

somente pelas ações imediatas e sim pelo efeito que elas podem causar no futuro?

Para Jonas, o conhecimento se também se torna uma obrigação moral do homem. O método proposto por Jonas, em *O Princípio Responsabilidade*, consiste em mobilizar saberes científicos que possibilitem a previsão de situações futuras que sejam consideradas como extrapoláveis para então julgá-las com o intuito de avaliar a possível ligação destas situações com nossas ações no presente. Segundo o autor:

esse saber real e eventual, relativo à esfera dos fatos, situa-se entre o saber ideal da doutrina ética dos princípios e o saber prático relacionado à utilização política, o qual só pode operar com os seus diagnósticos hipotéticos relativos ao que se deve esperar, ao que se deve incentivar ou ao que se deve evitar. Há de se formar uma ciência da previsão hipotética, uma futurologia comparativa (Jonas, 2006, pg. 70).

Jonas ressalta a importância de uma futurologia comparativa já que o dever, condicionado pelos acontecimentos passados, torna-se inclinado a uma determinada direção. Todas as partes do sistema influenciam-se mutuamente e o futuro do sistema está condicionado à relação entre essas partes, embora o sistema como um todo exerça o papel de fator preponderante, pois a relação entre ser e dever se dá na medida em que o dever torna-se a condição limitadora do ser.

Em seu Princípio Vida, o autor aborda, entre muitas, a questão das relações entre os seres vivos. Estas demonstrariam o quão complexo é o sistema em que estamos inseridos. A interdependência entre os seres de diferentes espécies é um fato consumado, onde a ecologia seria uma prova concreta desta interação como um grande sistema. Pode-se tomar, por exemplo, um pequeno ecossistema em que cada ser desempenha a atividade que lhe é própria, ou seja, atua em seu nicho de modo que o equilíbrio do sistema está garantido pelo exercício de sua função específica. Esta seria uma imagem que nos ajuda a visualizar a ideia de mundo segundo Jonas. Desta forma, além das preocupações em relação ao futuro da humanidade, devemos também levar em consideração os demais seres vivos que existem no nosso ecossistema.

A metafísica de Hans Jonas pressupõe que a interação entre os seres é também um dos fatores da evolução. O autor também sugere que a teoria de sistemas pode ser um caminho para uma melhor compreensão da interação entre os organismos na medida em que podemos entender o organismo como um sistema aberto que participa de um sistema de grandes proporções, onde cada ente exerce uma função que influencia o todo e, ao mesmo tempo, é condicionado pelo todo. Esta lógica, segundo Jonas, reflete um paradoxo inerente à vida.

Kant talvez não tivesse elementos suficientes para pensar esse espectro de ações, talvez porque era inimaginável pensar o poder da ação humana influenciando em níveis evolutivos e predatórios como acontece na contemporaneidade. Talvez fosse mesmo inimaginável pensar uma ética para além do humano.

Já Jonas, baseado nas descobertas da ecologia, ressalta que vivemos em uma realidade onde os seres se influenciam e se determinam continuamente, onde a interação envolve atuação e transformação contínuas. “Toda determinação é um modo de atuar e toda atuação implica em certa transformação, temos que a conservação se dá através da mudança, assim como a unidade através da multiplicidade, e uma e outra através da força” (Jonas, 2004, pg.76).

Assim, segundo Jonas, o sistema dinâmico em que estão inseridos os seres vivos não é simplesmente uma soma das partes ou um agrupamento das semelhanças de determinados entes, e sim a condição de dependência que interliga os seres e faz da multiplicidade uma unidade. Sendo que a unidade, da qual fala o autor, não anula as diferenças das partes, como também as diferenças não anulam a totalidade em que estas partes se encontram unidas.

Kant menciona somente os seres racionais como passíveis de ação ética. Fato que é totalmente compreensível quando pensamos no contexto sócio-histórico em que ele estava inserido. Como seria possível a um homem do século XVIII prever a situação ética do século XXI?

Obviamente, não podemos tratar o atual espectro das ações do coletivo humano com postulados do passado.

Jonas estende o domínio ético aos demais viventes, pois postula que a vida é o princípio básico da liberdade, que mesmo as formas mais elementares de vida merecem consideração ética. A vulnerabilidade da natureza mediante o poder técnico da humanidade

---



apareceu na forma dos danos catastróficos causados pela ação do homem.

Quando Jonas diz, no caso do método heurístico do temor, “que o saber se origina daquilo contra o que devemos nos proteger” parece fazer uma referência a sua concepção evolucionista que considera o fenômeno da vida como um depositar de camadas.

Hans Jonas admite que o ser humano, o ser racional, representa um salto qualitativo na evolução. No entanto, aponta para um tipo de “saber” que está na esfera da nossa animalidade, onde principia os sentimentos. É como se Jonas estivesse fazendo um apelo ao nosso instinto de sobrevivência quando propõe a heurística do temor, que atentemos para a herança que nos foi legada, pois ela nos possibilitou sermos quem somos.

É assustador percebemos a atualidade das questões tratadas por Hans Jonas. Vivemos em uma sociedade que, ao que tudo indica, está regulada pelos interesses do desenvolvimento tecnológico como se esse fosse um bem por si. Na mídia, que a própria tecnologia transformou em fábrica da opinião pública, quase não há questionamento do sentido do valor das práticas da empresa tecnológica. Aqui não se pretende desvalorizar os avanços tecnológicos alcançados pela civilização contemporânea. A questão colocada por Jonas, certamente por influência heideggeriana, é sobre os limites da tecnologia.

Podemos arriscar nosso futuro como humanidade em nome do progresso?

Estamos neste momento experienciando mais uma consequência da falta de responsabilidade com a manipulação da tecnologia, o vazamento da usina nuclear de Fukushima, no Japão, causado por um tsunami que atingiu o país em 2011. Poderíamos, neste caso, não responsabilizar ninguém, pois, quem “causou” foi o tsunami e não o homem. Porém, a pergunta é: Agiram com responsabilidade aqueles que construíram uma usina nuclear em um lugar suscetível a terremotos, furacões, tsunamis?

Estima-se que 300 toneladas de água contaminada estejam sendo despejadas no oceano pacífico por dia. Um estudo realizado pelo Centro Geomar Helmholtz de pesquisas oceânicas, da Alemanha,

simulou a dispersão da radioatividade pelas correntes marítimas e estipulou a contaminação total do oceano Pacífico em seis anos.<sup>1</sup>

Outra questão de extrema urgência se refere à manipulação genética dos alimentos. Estamos vivenciando um momento de muitas dúvidas em relação ao consumo de alimentos geneticamente modificados e, ao mesmo tempo, os mercados estão sendo inundados com produtos que não temos certeza quanto à segurança da sua ingestão. Um artigo publicado recentemente pela Plos One, uma revista científica de grande relevância, aponta que possivelmente temos a capacidade de absorver sequências inteiras de DNA dos alimentos<sup>2</sup>. O paradigma até então em vigor postulava que nosso organismo não era apto a processar as macromoléculas de DNA, que então eram quebradas em forma de aminoácidos e ácidos nucleicos e então eram distribuídas pelo aparelho circulatório. O estudo aponta que foram encontradas sequências inteiras de DNA vegetal em alguns organismos humanos. Além do impacto ambiental causado pelos agrotóxicos, os quais os alimentos geneticamente modificados possuem resistência devido a genes introduzidos para essa finalidade<sup>3</sup>, há também a possibilidade de absorver esses genes pela ingestão.

Estes são apenas dois exemplos entre muitos e muitos do uso da tecnologia sem o princípio de precaução. O que precisa acontecer para que se exerça pressão nas autoridades em nome de uma regulação da atividade tecnológica?

Compreendemos de forma mais orgânica o pensamento de Jonas na medida em que nos dispomos a perceber o esvaziamento do sentido do ser como necessário ao projeto moderno de ciência. A instrumentalidade dos seres, um dos pressupostos do saber científico operado neste formato, não admite nada que transcenda os “dados” empíricos da matéria. Hans Jonas aponta para as consequências funestas deste modelo de pensamento e de construção do saber. Para o autor, a metafísica sempre foi uma questão da razão e, de alguma forma, está presente mesmo que de forma não aparente nos sistemas éticos, “(...) em qualquer outra ética, mesmo naquela mais utilitária,

---

<sup>1</sup> Informação disponível em (<http://www.geomar.de/en/news/article/fukushima-wobleibt-das-radioaktive-wasser/>, 2012), acessado em 12/11/2013.

<sup>2</sup> Informação disponível em:

<http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371/journal.pone.0069805>.

<sup>3</sup> Conforme: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/organismos-geneticamente-modificados>.

mais eudemonista e mais imanente, também se esconde implicitamente uma metafísica (o materialismo, por exemplo, seria uma)” (Jonas, 2006, pg.96).

Como mencionado anteriormente, para Kant, o homem comum seria capaz de ter acesso ao conhecimento necessário ao agir ético. Porém, na atualidade, o saber necessário ao agir prudente não pode ser acessado por qualquer homem, pois não se trata mais de um princípio racional incondicionado, o saber necessário agora é, também, de natureza científica.

A demanda por conhecimento científico para tentar prever determinadas situações é imprescindível quando pensamos a complexidade do mundo contemporâneo. A má gestão da técnica nos conduziu a um limiar de escassez energética e, provavelmente, irá nos levar a escassez material. No entanto, vivemos como se estivéssemos em superabundância de recursos, como se não houvesse limite. Segundo Jonas, a ecologia, ciência que surgiu com o choque da descoberta do impacto de nossas ações sobre a natureza, “modifica inteiramente a representação que temos de nós mesmos como fator causal no complexo sistema das coisas” (Jonas, 2006, pg.39).

A democratização das informações e, conseqüentemente, a discussão política dos limites em que nos encontramos são necessárias e também merecem atenção. Mais uma vez, também a ciência é muito importante para a previsão e manejo dos recursos que ainda nos restam.

Hans Jonas propõe um novo lugar para o saber, que tratemos o saber como um dever. O dever de se possuir conhecimento suficiente dos processos afim de que o saber se torne providente, pois este possui grandeza causal. Sua preocupação está na lacuna existente entre o saber técnico e o saber providente, o que deve ser considerado do ponto de vista da ética. “Reconhecer a ignorância torna-se, então, o outro lado da obrigação do saber, e com isso torna-se uma parte da ética que deve instruir o autocontrole, cada vez mais necessário, sobre nosso poder” (Jonas, 2006, pg.41).

A questão que Jonas traz é, em última instância, sobre a permanência da humanidade na Terra. Devemos agir de modo que seja possível uma autêntica vida humana no planeta. Isso nada tem a ver com nazismo. Como mencionado anteriormente, a preocupação do autor concerne à possível desfiguração da humanidade para algo que descaracterize o homem e seu meio.

---

Jonas não explicita exatamente o que ele quer dizer com isso. Ele apenas nos dá pistas ao longo de sua obra. A mais evidente delas está no prefácio de *O Princípio Responsabilidade*, onde ele nos diz que a heurística do medo é útil na medida em que se pode antever uma humanidade desfigurada e, a partir daí, serve para termos a noção do que queremos preservar. Podemos deduzir, então, a partir de um aprofundamento em seu pensamento, que ele está se referindo a um modo de vida humano possíveis sem a preponderância do uso subterfúgios técnicos. Digo preponderância, algo da esfera da dominação, que prevalece. Isto parece com ficção científica, mas de forma alguma podemos descartar esta hipótese.

A proposta de uma ética para a civilização tecnológica aparece como algo urgente. Mas o que devemos fazer para que este saber se torne aplicado efetivamente?

Entramos, assim, no campo da política. Temos consciência da influência da política no incentivo das pesquisas científicas. A relação entre ambas parece de forma cada vez mais explícita na contemporaneidade. E, de fato, atentamos para que as relações entre Ciência e Política se tornem cada vez mais evidentes. Ambas influenciam nossos modos de existência e nossos processos de subjetivação coletiva. Nesse sentido, precisamos de um pensamento ético que possa também abarcar este tipo de relação.

Para compreendermos alguns dos pressupostos de Jonas é necessário vislumbrar alguns dos principais aspectos da metafísica proposta por ele. Pois, como o próprio autor admitiu, os sistemas éticos possuem uma metafísica incutida em suas problemáticas.

### **Aspectos da metafísica do fenômeno da vida proposta por Hans Jonas**

Para Hans Jonas, a vida não se reduz a um fenômeno que somente anima a matéria. Para o autor, constatação da vida, não se restringe somente aos seus aspectos físicos, pois, segundo ele, os seres vivos possuem tanto o aspecto material quanto espiritual: “o apontar seus limites externos implica nada menos do que a afirmação de que

mesmo em suas estruturas mais primitivas o orgânico já prefigura o espiritual, e que em suas dimensões mais elevadas o espírito permanece parte do orgânico” (Jonas, 2004, pg.11).

Sua proposta metafísica aparece como contraposição discursiva ao que ele chama de “monopólio ontológico da morte”<sup>4</sup>, que o autor identifica como sendo uma das consequências do projeto moderno de civilização. Segundo o autor, a ontologia da morte se apresenta na forma mecanicista como tratamos da vida na contemporaneidade. O dualismo entre corpo e espírito presente em nossa cultura ocidental seria outro aspecto desta ontologia que o autor considera como dominante.

Segundo Jonas, uma metafísica do fenômeno da vida deve ser concebida a partir da observação dos fenômenos próprios à vida, ela se faz necessária como uma tentativa de melhor compreensão dos seres vivos. De acordo com o autor, o fenômeno da vida torna-se menos obscuro na medida em que se admite o organismo como uma unidade que possui exterioridade e interioridade, corpo e alma, ou na linguagem aristotélica, de matéria e forma. Ainda ressalta que se, no passado foi realizado um corte nesta unidade, em nome de um saber positivo e fragmentário, caberá a filosofia restituir a unidade originária para se fazer uma tentativa de compreensão da organicidade de sua manifestação.

A novidade de metafísica de Jonas aparece com a concepção que o Ser só é compreendido como vivo e que o fenômeno da vida é uma manifestação do Ser.

Para Hans Jonas, há um princípio comum que rege a existência orgânica como um todo, onde mesmo o organismo mais simples possui importância ontológica. O autor ressalta que negar a interioridade dos outros seres vivos é, praticamente, negar sua importância como manifestação do ser. Esta negação é um dos pressupostos do mecanicismo cartesiano. Jonas aponta a unidade orgânica como algo que transcende as barreiras antropocêntricas de nossa tradição, ele afirma que a forma mais elementar de vida enquadra-se nesta unidade justamente porque manifesta um princípio de liberdade inerente aos seres vivos, o que se justificaria pela passagem do ser inorgânico para o ser orgânico.

---

<sup>4</sup> Jonas, 2001, pg.11

O conceito de liberdade recebe um outro sentido, que o torna mais amplo, na obra de Hans Jonas: passa a ser identificado, em sua manifestação primária, com o metabolismo, “a camada mais básica de toda a existência orgânica, que permite que a liberdade seja reconhecida - ou que ele é efetivamente a primeira forma da liberdade” (Jonas, 2004, pg.13). O metabolismo seria um tipo de prefiguração da liberdade em sua forma mais elementar na medida em que representa uma ação do ser vivo para persistir no ser, uma espécie de “agir para ser”. Por ser o metabolismo o agente da transformação de matéria em energia, decorre a analogia com a forma orgânica, que por sua vez ganha autonomia em relação a esta mesma matéria. “Liberdade tem que designar um modo de ser capaz de ser percebido objetivamente, uma maneira de existir atribuída ao orgânico em si.” (Jonas, 2004, pg.13).

Segundo o sistema metafísico jonasiano, o que caracterizaria um ser vivo como orgânico seria a sua troca de matéria com o ambiente, seu o esforço pela manutenção e continuidade da vida. O autor ressalta que associar o termo liberdade ao metabolismo não consiste em apenas um jogo de palavras, a manifestação desta primeira forma de liberdade antecipa o que em âmbito humano denominamos liberdade. E a liberdade, entendida como fenômeno humano, está diretamente ligada a este lampejo inicial identificado com o metabolismo, justamente por depender desta estrutura básica para ser possível.

Em seu livro *Matéria, Espírito e Criação*, Jonas fala de três tipos de liberdade no âmbito do pensamento, que derivariam da liberdade primordial do metabolismo. Seriam: a liberdade de autodeterminação do pensamento na medida em que escolhemos sobre o que pensar; a liberdade de transformar o dado sensível em uma imagem interior, ou seja, imaginação; e a liberdade de transcendência de ir além do que é predeterminado.

Para Hans Jonas, o observador atento, a partir da experiência do seu próprio corpo, é capaz de deduzir da morfologia exterior a identidade interior do ser orgânico. O rompimento da barreira antropocêntrica na questão da identidade interior dos seres vivos é essencial para compreender a concepção de vida proposta pelo autor que, na obra *O Princípio Responsabilidade*, será utilizada como fundamentação da ética para a civilização tecnológica. Embora possa ser considerada como antropologizante sob determinado aspecto.

Segundo Jonas, dentro dos múltiplos modos de manifestação do fenômeno da vida, devemos reconhecer a unidade em meio à multiplicidade, ou seja, reconhecemos o que é comum a todas as manifestações. Desta maneira, a dimensão interior que experimentamos em nós mesmos não deve ser negada aos outros viventes.

O autor aponta para a intencionalidade como sendo uma característica da vida. De acordo com sua visão, o ser vivo está voltado para o mundo onde de maneira que ele pode experimentar esse mundo através da necessária troca material com o ambiente. A liberdade ou transcendência nasceria através da necessidade de subsistir, de ter um correlato com o mundo. “O ser-dependente indica o campo de suas possíveis realizações, desta maneira criando a intencionalidade como um caráter básico de toda vida” (Jonas, 2004, pg. 109).

A liberdade, que o autor diz ser intrínseca aos seres vivos, é o princípio de evolução das espécies, que aconteceria em graus de ascensão do mais simples ao mais complexo, “é um traço ontológico fundamental da vida em si; e também como se comprova, o princípio contínuo do seu avanço para graus mais elevados, onde cada passo se constrói liberdade sobre liberdade” (Jonas, 2004, pg.106). Portanto, a complexidade de determinadas espécies estaria fundada nas bases mais simples da funcionalidade orgânica, como um depositar-se de camadas.

Jonas aponta que o fato dos animais possuírem locomoção e percepção à distância deve ser entendido como um importante elemento de transcendência em relação à existência vegetal. As capacidades de locomoção pelo espaço e de percepção à distância representam uma apropriação cada vez maior da realidade. Para Jonas, princípio de liberdade manifestado nos primeiros seres vivos na forma de metabolismo e sensibilidade aos estímulos torna-se cada vez mais evidente nos animais. Desta forma, a realidade passaria a ser uma referência com o desenvolvimento do sistema nervoso central, dos sentidos específicos e das capacidades motoras. A progressiva manifestação das capacidades de percepção e locomoção significaria uma abertura cada vez maior para o mundo. A relação com o mundo que, primordialmente, era a condição básica para a existência se torna a gradativa objetivação da realidade.

O ser humano, na perspectiva jonasiana, representa um salto qualitativo na evolução no que se refere à capacidade de pensar e manipular o meio. A liberdade atingida pelo homem se reflete no seu poder de modificar a natureza, tanto para o seu benefício como para a sua desgraça e, justamente, este poder acarreta implicações éticas porque compromete a existência da vida humana e não humana.

O poder humano sobre a natureza, incluindo a manipulação da própria espécie, atingiu um nível que não fora imaginado pela ética tradicional. Parece que o avanço tecnológico não foi acompanhado pela ética, pois, enquanto acontecem experiências que podem comprometer a permanência autêntica do homem na Terra, não se chegou a um consenso sobre os limites da utilização da técnica para e na vida humana. A questão da utilização da técnica transformou-se em um assunto de grande relevância nos dias atuais, discorre desde a manipulação genética do ser humano até a preservação de um ambiente propício às próximas gerações de homens no planeta. Eis a total relevância em se pensar na regulação do uso da técnica na contemporaneidade.

### **Considerações finais**

O pensamento ético de Hans Jonas surge com a problematização das consequências da modernidade e da questão do uso inescrupuloso da tecnologia. Estas também são problemáticas que encaramos em nosso tempo e a pertinência do pensamento de Jonas evidenciam isso.

A manipulação da natureza por parte do homem foi um importante passo para o crescimento e perpetuação da espécie. Justamente o crescimento da população demandou o aumento do território dominado e o aprimoramento das técnicas para a produção de bens de consumo humano. A capacidade de exercer o domínio sobre algumas partes da natureza fez com que o homem atingisse um patamar de independência perante a sorte em um mundo selvagem. Mas a independência das condições naturais ao mesmo tempo o tornou demasiadamente dependente dos artifícios da técnica. A liberdade atingida pelo homem se reflete no seu poder de modificar a natureza, tanto para o seu benefício como para a sua desgraça e,



justamente, este poder acarreta implicações éticas porque compromete a existência da vida humana e não humana.

Vivemos em um momento histórico decisivo quanto à revisão do paradigma dominante em nossa sociedade e ao *ethos* adequado às situações contemporâneas. A ética para a civilização tecnológica aparece como uma ferramenta do pensar que merece ser considerada, pois é adequada às nossas questões. A ética do futuro problematiza as ações que comprometam a existência e dignidade da futura humanidade.

A metafísica do fenômeno da vida surge como possibilidade de contraposição discursiva ao paradigma tecnicista instrumental na medida em que coloca em discussão dados fenomenológicos que restituem a interioridade negada aos seres vivos não humanos pelo discurso cartesiano da modernidade.

## Referências bibliográficas

BEHRENS, SCHWARZKOPF, BÖNING, 2012: Model simulations on the long-term dispersal of <sup>137</sup>Cs released into the Pacific Ocean off Fukushima. Disponível em: <http://www.geomar.de/en/news/article/fukushima-wo-bleibt-das-radioaktive-wasser/>. (2012). Acesso: novembro 12, 2013, from Helmholtz Centre for Ocean Research Kiel: <http://iopscience.iop.org/1748-9326/7/3/034004/>.

JONAS, Hans. (2006). *O princípio responsabilidade*. Rio de Janeiro: Puc-Rio Contraponto.

JONAS, Hans (2004). *O princípio vida. Fundamentos para uma biologia filosófica*. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes.

KANT, Immanuel. (2007). *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Lisboa: Edições 70.

SPISAK S, SOLYMOSI N, ITTIZÉ S P, BODOR A, KONDOR D, et al. (2013) Complete Genes May Pass from Food to Human Blood. PLoS ONE 8(7): e69805. doi:10.1371/journal.pone.0069805. (2013) Disponível em: <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi/10.1371/journal.pone.0069805> acesso em 02/04/2014.

